

Ave Brasília DF

Ernesto Silva

Ao visitar Brasília, em 1959, Giovanni Gronghi, presidente da Itália, proclamou: "Brasília é uma obra digna dos tempos romanos".

Sem medo de errar, podemos afirmar que a decisão corajosa de três homens patriotas foi decisiva para que se concretizasse o sonho secular: marechal José Pessoa, governador José Ludovico de Almeida e Juscelino Kubitschek.

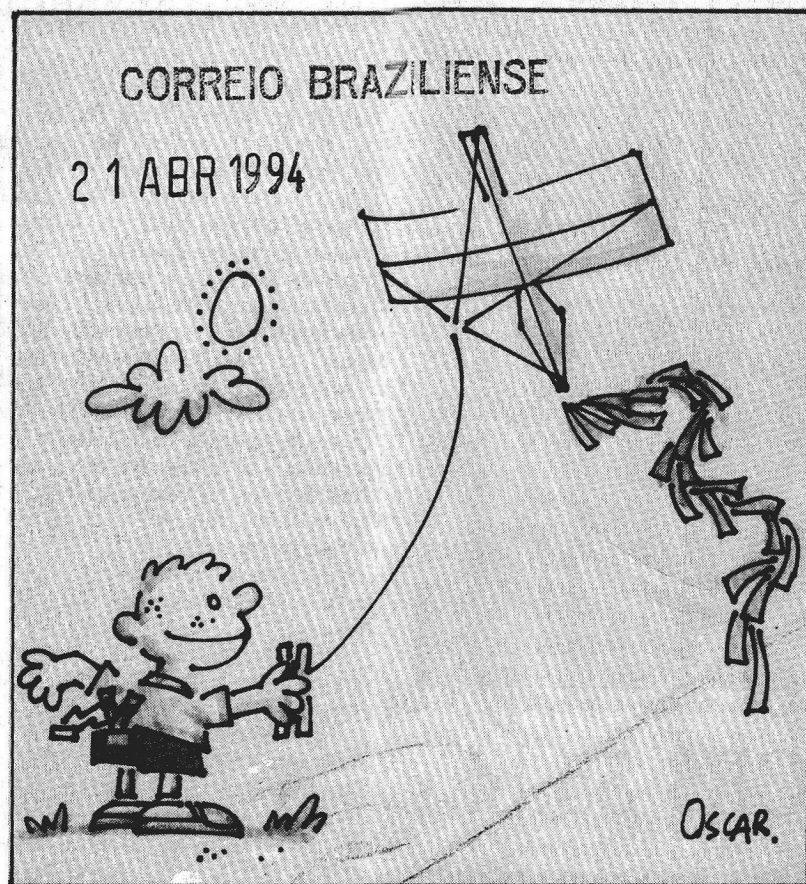
José Pessoa, em maio de 1955, não se conformando com a decisão do presidente Café Filho, que se negou a declarar de utilidade pública a área escolhida para o futuro Distrito Federal, decidiu viajar a Goiás e apelar para o governador José Ludovico, no qual encontrou o apoio indispensável à medida, que possibilitou, no futuro, ao presidente Kubitschek prometer ao povo brasileiro o cumprimento do dispositivo constitucional que determinava a transferência da capital para o Planalto Central.

Compreendendo a aspiração do povo, principalmente dos milhares de habitantes do interior do Brasil, abandonados à própria sorte, Juscelino não tergiversou: assumindo o governo, enviou mensagem ao Congresso Nacional solicitando a aprovação de uma lei que lhe possibilitasse construir, em tempo recorde, a nova capital do Brasil.

Sancionada a Lei nº 2.874 em 19 de setembro de 1956, já no dia 24 eram nomeados os dirigentes da Novacap, responsáveis pela construção da cidade: Israel Pinheiro da Silva, presidente, e Ernesto Silva, Bernardo Sayão e Íris Meinberg, diretores.

Daí em diante, os pioneiros da grande epopéia se lançaram à mais arrojada obra de que o Brasil tem notícia. Foram mil dias de ininterrupto e obstinado trabalho, sem descanso de uma só hora. A preocupação dominante de todos, sem exceção, consistiu em dedicar um esforço sem limite, para entregar a cidade em condições de ser inaugurada a 21 de abril de 1960. Para atingir esse objetivo, era imprescindível que trabalhássemos como se cada hora fosse a última hora concedida e a madrugada viesse iluminar o dia festivo da inauguração.

Durante esse curto lapso, operários, técnicos e diretores da Novacap dedicaram todos os momentos de sua vida à concretização da obra monumental. Surgiram as intermináveis avenidas asfaltadas, o sistema de abastecimento d'água, a rede de esgotos, a iluminação, os telefones urbanos e interurbanos, os prédios públicos, dezenas de escolas e postos médicos, hospitais, jardins, hotéis, palácios, residências, granjas, jardins, cidades-satélites... E ainda foi implementado o



Sistema Único de Saúde, regionalizado e hierarquizado. O Sistema Educacional previa a permanência do aluno na escola em tempo integral, num rodízio entre Escola-Classe e Escola-Parque. E o Plano de Abastecimento era sustentado pelas Unidades Sócio-Econômicas Rurais.

Finalmente, a 21 de abril de 1960, perante milhares de turistas, do Corpo Diplomático, dos heróicos construtores da cidade, Brasília se transforma na capital do Brasil.

Naquele momento, a cidade representava o fim da epopéia, da música trepidante e da luta frenética, o epílogo do trabalho ininterrupto. Era o início do cotidiano e da rotina — sem grandeza, sem entusiasmo, sem gosto de heroísmo. Os que a planejaram e a construíram sentiam naquele momento, de antemão, uma saudade imensa, como se experimentassem a perda de um ente querido.

Para conhecimento dos mais jovens e dos que chegaram a Brasília recentemente e para registro da História, transcreveremos trechos dos discursos do cardeal Cerejeira, do doutor Israel Pinheiro e do presidente Kubitschek, proferidos por ocasião da inauguração de Brasília.

Durante a missa campal, o cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, legado pontifício, invocou o nome de Deus e saudou a nova capital:

"Continua a História do Brasil. Como na hora de seu nascimento e perante o mesmo crucifixo de ferro que serviu na Missa da Des-

coberta, renova-se o Santo Sacrifício da Redenção — princípio do homem novo e do mundo novo —, ao inaugurar Brasília, a nova capital do Brasil do futuro. E eu pergunto a mim se isto não significará um novo nascimento."

Após a missa, o cardeal Cerejeira deu a bênção papal à nova capital; a seguir, diretamente da Rádio do Vaticano, fez-se ouvir a saudação de Sua Santidade, o papa João XXIII ao povo brasileiro:

"Brasília há de constituir um marco milionário na História já gloriosa das terras de Santa Cruz, abrindo novos horizontes de amor, de esperança e de progresso entre suas gentes que, unidas na mesma fé, se tornarão aptas aos maiores cometimentos."

Durante a tarde de 20 de abril, às 16h, o presidente da República recebia a chave da cidade das mãos de Israel Pinheiro, que se dirige ao presidente:

"Hoje, à meia-noite, Brasília será a capital da República. Neste momento, os soldados dessa grande e dura peleja aqui se encontram reunidos, para entregar ao seu comandante a chave da cidade de Brasília.

"Aqui estamos, todos os que porfiaram na dura batalha: os candangos, os funcionários, os técnicos, os diretores, os conselheiros e todos aqueles que cooperaram na construção da capital. Batalha de cuja crueza e de cujos sofrimentos surgiu essa nova força propulsora, de imponderável significação — o Espírito de Brasília, revigorador da nossa fé, do nosso entusiasmo, da nossa confiança.

"Brasília é obra de civismo sadio, de otimismo criador, de ânimo pioneiro, de tudo que não se contenta e se esgota na rotina satisfeita, mas que se antecipa e se multiplica em iniciativas que rasgam os largos caminhos de um futuro que o Brasil reclama, com impaciência, com ritmo jovem, com fome de renovação. Este é o Espírito de Brasília.

"O Espírito de Brasília é tudo o que de contrário ao derrotismo sistemático.

"Amanhã, 21 de abril, frente ao Palácio da Alvorada, clarins festivos vibrarão a alvorada.

"É o Brasil que amanhece."

Responde o presidente Juscelino Kubitschek:

"Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a fé em Deus e no Brasil nos sustentou, a todos nós, a esta família aqui reunida, a vós todos, candangos, a que me orgulho de pertencer. Reconheço e proclamo, neste momento, que sois a expressão da força propulsora do Brasil. Ninguém vos subtrairá a glória de terdes lutado nesta tremenda batalha. Com o pensamento na Cruz em que foi celebrado o Santo Sacrifício, peço ao Criador que mantenha cada vez mais coesa a unidade nacional, que nos dê sempre esta atmosfera de paz, indispensável ao trabalho fecundo, e conserve em vós, obreiros de Brasília, o mesmo espírito forte com que erguestes a grande cidade.

"Os que duvidaram desta vitória, os que procuraram impedir a nossa ação, os que desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nos sustentavam eram mais fortes que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas provincianas em que transitavam.

"Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História os que não compreenderam e não amaram esta obra."

Ao completar seu 34º aniversário, Brasília entusiasma os que a visitam, Brasília acolhe e afaga os que nela vivem, Brasília realiza o sonho da unidade nacional e aproxima os irmãos do litoral aos do sertão, Brasília ajuda-nos a conquistar o interior do Brasil.

Mas hoje, crescendo desregrada e desmesuradamente, pergunto eu: qual será o destino desta cidade, "edificada no entusiasmo e na precipitação, mesclando o sonho à planificação", "uma das maiores epopéias da história dos homens?"

■ Ernesto Silva, diretor da Novacap durante a construção de Brasília, é médico pediatra